

OS CAVALEIROS

Aristófanes

Traduzido do espanhol por
Vicente Matias Martinez Belaglovis

Personagens

Demóstenes

Nícias

Um Chouriceiro, chamado Agorácrito

Cléon, com o apelido de Paflagônio

Coro de Cavaleiros

Demos (o povo), personificado em um ancião.

Introdução

De todas as comédias de Aristófanes, essa é a que deu mais fama ao seu autor em vida e a que agradou com maior veemência ao público.

Os Cavaleiros é uma comédia política, dirigida toda ela contra o demagogo Cléon, o qual é designado pelo apelido de Paflagônio. Para os atenienses, que podiam entender todas as suas alusões, deve ter oferecido um interesse muito vivo. Nós não podemos apreciar Os Cavaleiros do mesmo modo, pois por maior que seja a erudição do leitor moderno, é impossível compreender muitos dos rasgos satíricos que devem ter feito as delícias dos contemporâneos.

Além de seu mérito como comédia política, Os Cavaleiros representa uma grande mostra de valor na vida de Aristófanes: seu inimigo Cléon era muito popular e querido pelas massas democráticas de Atenas. O poeta só podia contar com o apoio da aristocracia ou dos cavaleiros, aos quais exalta em sua obra. Os artistas que fabricavam as máscaras para as representações se negaram a fazer a máscara de Cléon. Nenhum ator quis se encarregar de parodiar esse orador democrático. Mas Aristófanes, sem máscara e com a cara lambuzada representou esse perigoso papel.

Como o povo sempre adora os rasgos de audácia, aclamou o poeta, concedendo-lhe o primeiro prêmio, honra que não havia alcançado com suas obras anteriores.

Os Cavaleiros se representou em 425 a.C., durante as festas Lêneas, pouco depois da vitória de Pílos.

(A cena se desenvolve em frente à casa do ancião chamado Demos.)

Demóstenes

Que calamidade! Tomara que os deuses confundam a esse recém-chegado Paflagônio¹ e a seus malditos conselhos! Desde que, em má hora (maldita hora!), se introduziu na casa de nosso amo Demos², não cessa de espancar (encher de pauladas) aos escravos.

Nícias

Tomara que morra uma morte horrível com suas infames calúnias!

Demóstenes

Como vai, infeliz?

Nícias

Muito mal, o mesmo que tu.

Demóstenes

Misturemos, pois, nossos gemidos, imitando os plangentes cantos de Olimpo³.

Demóstenes e Nícias

Mumu, mumu, mumu, mumu, mumu...

Demóstenes

Para que lamentos inúteis? não seria melhor buscar outro meio de melhorar nossa sorte e deixar de lado o choro?

Nícias

Que meio poderia ser esse? Diga-me.

Demóstenes

Diz tu, pois não quero disputar contigo.

Nícias

Não, por Apolo! não serei o primeiro que o diga! Fala sem temor e depois eu falarei.

Demóstenes

“Oxalá me disseses o que devo dizer”⁴

Nícias

não me atrevo. Como farei para dizer isso discretamente, à maneira de Eurípedes?

¹ Aristófanes chama Paflagônio a Cléon, não porque fosse da Paflagônia, região da Ásia Menor, mas para indicar sua pronúncia defeituosa e seus gritos esganiçados. O apelido significa “tartamudear”.

² Demos significa “povo”. Assim, o velho Demos simboliza o povo ateniense, e o fato do Paflagônio ter se introduzido em sua casa, quer dizer que este havia intervindo na administração da república.

³ Músico que compôs melodias com acompanhamento de flauta, que expressavam a dor de um modo bem patético.

⁴ Verso de Eurípedes

Demóstenes

Pára, pára; não me mais vale que inventes um canto de “Fuga da casa de nosso amo”⁵

Nícias

Diga, então: “passemos”.⁶

Demóstenes

Que seja; digo: “passemos”.

Nícias

Adiciona “a ele”.

Demóstenes

“a ele”.

Nícias

Perfeito. Agora, como se te coçasses, diz primeiro, devagarinho: “Passemos” e repete depois, com pressa, adicionando: “a ele”.

Demóstenes

Passemos! Passemos “ele”! Passemos a “ele”.

Nícias

Ah! não é delicioso?

Demóstenes

Sem dúvida; mas temo que este oráculo seja funesto a nossa pele.

Nícias

Por que o motivo?

Demóstenes

Porque quem se coça acaba arranhando a pele.

Nícias

Neste momento, creio que o melhor seria nos achegarmos suplicantes à estátua de qualquer deus.

Demóstenes

A que estátua? Por acaso ainda crês que existam deuses?

Nícias

Eu? Sim.

Demóstenes

⁵ Alusão ao ofício da mãe de Eurípedes.

⁶ Os escravos fugiam muitas vezes durante a guerra do Peloponeso para o campo contrário. Aristófanes supõe em Nícias e Demóstenes intenção de passar para o inimigo.

E em que te baseias?

Nícias

Em que sou aborrecido por eles. não tenho razão.

Demóstenes

A mim me convenceste.

Nícias

Falemos de outra coisa.

Demóstenes

Queres que manifeste o assunto aos espectadores?

Nícias

Não seria mal. Mas antes roguemos a eles que com a expressão de suas fisionomias mostrem se lhes são agradáveis nossos argumentos e palavras.⁷

Demóstenes

Já começo. Temos um amo rude, voraz por favas⁸, irascível, lerdo, e algo surdo; se chama Demos. No mês passado comprou um escravo, um relinchante Paflagônio, o mais intrigante e caluniador que se pode encontrar. O tal Paflagônio, conhecendo o caráter do velho, começou, como um cachorro adúlador, a fazer-lhe a corte, a adúlá-lo, a acariciá-lo e a sujeitá-lo com suas correias⁹, dizendo-lhe: “Meu amo! Vem ao banho, que já tens trabalhado bastante ao sentenciar um pleito; toma os três óbolos¹⁰. Queres que eu te sirva a comida?” E depois, arrebatando para si o que cada um de nós havíamos feito, o oferecia generosamente ao velho. Da última vez, eu lhe havia preparado em Pilos¹¹ um pastel lacedemônio. Pois bem, não sei de que maneira o arranjou esse velhaco, mas o certo é que me roubou e o ofereceu ao amo como coisa sua. Nos fastia cuidadosamente do ancião Demos e não nos permite servi-lo. Armado de seu abanador de couro para espantar moscas¹², se coloca junto ao seu senhor quando janta, e espanta os oradores e pronuncia oráculos, e deixa a cabeça do velho cheia de profecias. Depois, quando já o vê “chocho”, põe mãos à obra: acusa e calunia todos da casa, e nos moem a socos. O mesmo Paflagônio corre ao redor dos criados, lhes dá ordens, lhes acossa, lhes arranca presentes, dizendo: “Vedes como por minha causa pegam Hilas? Se não fazeis o que quero, vos acontecerá o mesmo!” E nós lhe damos tudo o que pede, pois senão, chutados pelo velho, cagaríamos oito vezes mais.

⁷ Com isso, pediam ao público uns aplausos.

⁸ As favas se empregavam para votar nas assembléias; além disso, os juízes, para não dormir nos tribunais, se entretinham em mastigá-las. Aristófanes, satiriza a um só tempo as duas manias dos atenienses: o amor à política e aos pleitos.

⁹ Cléon era filho de um curtidor e havia exercido o ofício de seu pai.

¹⁰ Salário dos juízes. Péricles foi quem introduziu o costume de pagar um óbolo aos cidadãos que concorriam à assembléia ou faziam parte dos tribunais. Cléon, para se fazer popular, elevou o soldo para três óbolos.

¹¹ Alusão à vitória de Pilos, que se atribuiu a Cléon, embora Demóstenes tenha tido nela maior parte.

¹² Aristófanes substituiu o ramo de mirto que os escravos usavam para espantar as moscas por uns chicotes de couro, alusivos ao ofício de Cléon.

Falemos, pois, o quanto antes, meu amigo, do caminho que devemos seguir e aonde devemos chegar.

Nícias

O melhor será o que tínhamos dito antes: fugir.

Demóstenes

Mas se nada se pode fazer que o veja esse maldito Paflagônio! Ele mesmo inspeciona tudo. Tem um pé em Pilos e outro na Assembléia. Essa imensa separação de suas pernas faz com que suas nádegas estejam sobre a Caônia, enquanto suas mãos pedem na Etólia e sua imaginação rouba na Cleopídia^{13A}.

Nícias

O melhor será morrer. Mas procura um jeito de morrermos como valentes.

Demóstenes

Como faremos para morrer como valentes? Mil vantagens; mas traz a taça: vou me recostar aqui. Se chego a me alegrar com o vinho, verás como inundo esses contornos de conceitos, sentenças e argumentos.

(Nícias entra um momento na casa e volta com um jarro de vinho.)

Nícias

Que sorte! Ninguém me surpreendeu.

Demóstenes

Diz! Que faz Paflagônio?

Nícias

Farto de vinho e de pães denunciados, o malandro ronca estendido sobre o couro.

Demóstenes

Então escanceia-me o vinho com mão pródiga, como se fosse para uma libação.

Nícias

Toma, e faz uma libação em honra do bom gênio.^{13B} Bebe, bebe o vinho do gênio de Prâmmio.¹⁴ não há nada como beber sangue de touro. Haverá morte mais apetecível que a de Temístocles?

Demóstenes

Sangue não, pela minha vida! Será melhor vinho do bom gênio; quem sabe ocorra alguma idéia excelente.

^{13A} Cleopídia é uma região imaginária, sinônimo de “País dos Ladrões”.

^{13B} Era o copo que se bebia ao fim da refeição.

¹⁴ Comarca da Ásia Menor, famosa por seus vinhos.

Nícias

Ah, vinho! Mas que boa idéia pode ocorrer a um homem ébrio?

Demóstenes

Pois já vi tudo: bebes tanta água que só sabes dizer imbecilidades. Te atreves a acusar o vinho de turvar a razão? Existe por acaso algo de resultados mais eficazes? Os homens quando bebem se fazem ricos, afortunados em seus negócios, ganham os pleitos e são felizes e úteis aos seus amigos. Eba, traga-e logo uma taça de vinho para que regue meu espírito e eu diga alguma graça.

Nícias

Ai de mim! Que vamos tirar de que tu bebas?

Demóstenes

Oh, bom gênio! Essa idéia que me assalta não é minha mas tua.

Nícias

Como! Fala logo! Que idéia te ocorreu?

Demóstenes

Entra na casa enquanto dorme o Paflagônio e rouba seus oráculos.

Nícias

O farei. Mas temo que essa idéia te haja sido inspirada por um mau gênio.

Demóstenes

Anda! Enquanto isso, encherei eu mesmo a taça. Talvez isso irrigue e faça gerinar e meu cérebro outra idéia.

(Entra e casa Nícias e volta em seguida.)

Nícias

Com que fúria ronca e peida o Paflagônio! Por isso lhe subtraí sem dificuldade o oráculo sagrado que guardava cuidadosamente.

Demóstenes

Tua destreza não te rival. Dá-me aqui para que eu o leia. Enquanto isso,, sirva-me vinho à toda. Vejammos o que diz. Oh que precioso achado! Dá-me,, dá-e logo a taça!

Nícias

Toma. Que diz o oráculo?

Demóstenes

Enche-me outra.

Nícias

Como! O oráculo diz “Enche-me outra”?

Demóstenes

Oh, Bácsis!¹⁵

Nícias

Mas o que foi?

Demóstenes

Dá-me logo a taça.

Nícias

Sem dúvida Bácsis moderava mais na bebida.

Demóstenes

Maldito Paflagônio! Por isso guardavas faz tanto tempo esse oráculo que se refere a ti!

Nícias

Como?

Demóstenes

Aqui no oráculo diz como há de morrer esse malandro.

Nícias

E como é?

Demóstenes

Como? O oráculo afirma terminantemente que primeiro haverá um vendedor de estopas¹⁶ que governará a República.

Nícias

Já tivemos o vendedor. E depois?

Demóstenes

O segundo será negociante de gado.¹⁷

Nícias

Já foram dois comerciantes. Quem sucederá a este?

Demóstenes

O vendedor de gado mandará até que apareça outro homem mais perverso que ele. Cairá então sendo substituído por um Paflagônio, comerciante de peles, ladrão, alvoroçador e de voz atroadora como a corrente do Ciclóboro¹⁸.

¹⁵ Antigo e famoso adivinho grego, natural da Beócia.

¹⁶ Eucrates, apelidado Estopa,, demagogo influente em Atenas antes de Cléon, e que se viu obrigado a esconder-se debaixo de um monte de farelo para se livrar de seus inimigos. Além de comerciar com estopa, também lidou com farinha.

¹⁷ Lísides, demagogo da mesma classe de Eucrates.

¹⁸ Rio torrencial da Ática.

Nícias

O negociante de gado deveria,, pois, ser derrubado fatalmente pelo comerciante de peles?

Demóstenes

Assim diz o oráculo.

Nícias

Infeliz de mim! Onde poderemos encontrar outro coercente?¹⁹

Demóstenes

Ainda há outro comerciante, segundo o oráculo, de astúcia extraordinária.

Nícias

Quem? Por favor, diga-me quem é!

Demóstenes

Devo dizer?

Nícias

Sim, diga, por Júpiter!

Demóstenes

Um chouriceiro derrubará o Paflagônio.

Nícias

Um chouriceiro!²⁰ Nobilíssimo ofício, por Netuno! Mas onde acharemos esse homem?

Demóstenes

Procuremo-lo.

Nícias

Agora entra um chouriceiro no mercado; os deuses nos enviam ele.

(Entra o chouriceiro Agorácrito²¹ com uma tábua cheia de embutidos.)

Demóstenes

Vem aqui, chouriceiro ditoso! Se aproxime, homem querido, a quem está reservada a nossa salvação e a da República!

Chouriceiro

Que é isso? Por que me chamas?

¹⁹ O autor faz uma ironia em relação à administração da cidade-estado, pois seus personagens nem cogitam que ela possa ser governada por alguém que não seja comerciante.

²⁰ Acredita-se que o chouriceiro,, segundo Aristófanes, era Hipérbolo.

²¹ O nome Agorácrito se compõe das palavras gregas “agorá”: mercado e praça pública onde se tomavam as decisões políticas, e “krites”: juiz; ou seja, o nome forma a idéia de alguém que julgaria as questões públicas e também indica a proveniência do personagem que, como vai ficar explicado na peça, foi criado no mercado.

Demóstenes

Vem cá e escuta o teu feliz e afortunado destino.

Nícias

Tira-lhe o tabuleiro e o inteires do oráculo do deus e de seu conteúdo. Enquanto isso, eu vou ver o que está fazendo Paflagônio.

Demóstenes

Vamos, deixa primeiro no chão as tuas mercadorias e adora depois a terra e os deuses.

Chouriceiro

Eiss-me aqui. O que há?

Demóstenes

Mortal bem-aventurado! Mortal feliz, que hoje não és nada e amanhã serás tudo! Oh, chefe da afortunada Atenas!

Chouriceiro

Por que, bom hoem, te entreténs troçando de mim e não me deixas ir lavar estas tripas nem vender esses chouriços?

Demóstenes

Quê tripas?! Insensato! Olha ali: vês essas filas de cidadãos? (mostrando os espectadores)

Chouriceiro

Sim, vejo.

Demóstenes

Certo. E os mercados e as naves de carga?

Chouriceiro

Também os vejo.

Demóstenes

Pode haver fortuna maior? Dirige agora o olhar direto à Cária e o outro à Calcedônia.²²

Chouriceiro

Então a minha grande fortuna será a de ficar vesgo?

Demóstenes

Não; tu venderás²³ tudo isso. Porque vais ser, como o oráculo anuncia, um grande personagem.

²² A Cária ficava ao sul da Ásia Menor e a Calcedônia ao norte; daí os temores de estrabismo que assaltam a Agorárito.

²³ “Venderás” ao invés de “governarás”: nova alusão à má administração de Atenas, que combina com aquela do “comerciante-governador”.

Chouriceiro

Como eu, que sou u chouriceiro, chegarei a ser um grande personagem?

Demóstenes

Por isso mesmo chegarás a ser um grande homem: porque és um canalha audaz, saído da escória do povo.

Chouriceiro

Me creio indgno de chegaar a ser grande.

Demóstenes

De que te crês indgno? Parece que ainda abrigas algum bom sentimento. Por acaso pertences a uma classe honrada?

Chouriceiro

Não, pelos deuses! Pertenço a canalha!

Deóstenes

Oh, mortal afortunado! De que felizes dotes de governo te dotou a natureza!

Chouriceiro

Não recebi a menor instrução; só sei ler e mal.

Demóstenes

Precisamente a única coisa que te prejudica é saberes ler, ainda que seja mal. Porque o governo popular não pertence aos homens instruídos e de conduta inatacável,, mas aos ignorantes e licenciosos. Não deprecies o que os deuses te prometem em seus oráculos.

Chouriceiro

Vejamos: que diz o oráculo de mim?

Demóstenes

Se expressa muito bem, pelos deuses! E com uma alegoria elegante e nada obscura.

(Lendo.)

“Mas quando a águia curtidora²⁴, de unhas aduncas, sujeite pela cabeça o estúpido dragão bebedor de sangue, então a salmoura com olhos dos Paflagônios morrerá, e o nune concederá aos estripadores insigne glória: a não ser que prefiram continuar vendendo lingüiça.”²⁵

Chouriceiro

Que tem isso a ver comigo? Explica-me.

²⁴ “Arrancadora de pele”- nova alusão ao ofício de Cléon.

²⁵ Aqui Aristófanes parodia o estilo empolado e intrincado dos oráculos.

Demóstenes

A águia arrancadora de couro é o nosso Paflagônio.

Chouriceiro

Que significa isso de “unhas aduncas”?

Demóstenes

Isso quer dizer que com suas mãos arrebatada tudo e o leva para si.

Chouriceiro

E o dragão?

Demóstenes

Isso está claríssimo! O dragão é largo de corpo e o chouriço também. E o chouriço e o dragão são cheios de sangue. Assim é que o dragão, diz o oráculo, poderá vencer a águia curtidora se não se deixar enganar por palavras.

Chouriceiro

Me lisonjeiam, por minha vida, tuas profecias. Mas não consigo compreender como posso eu ser apto para os negócios políticos.

Demóstenes

Facilmente. Faz o mesmo que agora: embrulha e revolve os negócios como costumava fazer com os intestinos, e conquista o carinho do povo enguloseimando-os com proposições culinárias. Tuas qualidades são únicas para ser um demagogo excelente: voz terrível índole perversa, sem vergonha do público, enfim, tudo quanto se necessita para a República. Os oráculos e o próprio Apolo Pítio te designam para isso. Eba, põe uma coroa, faz uma libação à imbecilidade e ataca teu rival Paflagônio denodadamente.

Chouriceiro

E quem me ajudará? Os ricos o temem e a pobre plebe treme em sua presença.

Demóstenes

Existem mil honrados cavaleiros²⁶ que detestam o Paflagônio e te defenderão. Em teu auxílio virão todos os cidadãos bons e probos, todos os espectadores sensatos, e eu com eles e até os próprios deuses. Não temas. Nem sequer verás seu rosto, pois nenhum artista se atreveu a esculpir sua máscara.²⁷ Sem embargo, todos o conhecerão, pois os espectadores não são tontos.

(Sai Cléon.)

Chouriceiro

Desditado de mim! Já sai o Paflagônio!

²⁶ Os cavaleiros formavam a segunda classe do Estado.

²⁷ Ver a introdução.

Cléon

Não ficará impune, juro pelos grandes deuses, a conspiração que estai tramando contra o povo faz tanto tempo! Que faz aqui esta taça de Cálcis?²⁸ Não há dúvida de que tratáveis de sublevar os calcidenses. Morrereis, morrereis sem remédio, par de malvados!

Demóstenes (a Agorácrito)

Eh, tu! Por que foges? Fica, ilustre chouriceiro. Não bandones a empresa. Acudi, cavaleiros; chegou a hora! Simon, Panécio, coloquem-se na ala direita. Já se aproximam. Tu, insiste e faz frente a ele! O pó que levantam te anuncia que já chegam. Resiste, acomete a ele, faz com que fuja!

Coro de Cavaleiros

Fere, fere a esse canalha inimigo dos cavaleiros, arrecadador sem consciência, abismo de perversidade, mina de latrocínios, cemvezes canalha e sempre canalha, nunca me cansarei de dizê-lo, pois é mais a cada dia. Sacode, persegue, bagunça com ele, expulsa esse malandro; xingue-o como nós e o persiga gritando. Tenhas cuidado para ele não escapulir. Olha que conhece os caminhos por onde Eucrates escapou, metendo-se debaixo do farelo.²⁹

Cleón

Anciãos heliastas³⁰, confrades do trióbolo, a quem alimento com minhas denúncias justas e injustas, socorrei-me! Estes homens se conjuraram para me pegar!

Coro de Cavaleiros

E nos sobra razão, porque tu te apoderas dos bens de todos e os consomes antes que sejam distribuídos! Depois inspecionas e oprimes aos que hão de prestar contas, como se apalpa um figo para ver se está verde ou maduro; e quando vês alguém de caráter débil e pacífico, o fazer vir do Quersoneso³¹, o agarras pela cintura, lhe metes os braços no pescoço, aplicas uma rasteira nele e, depois de o jogar ao solo, o tragas de um só gole. Tu sempre estás achacando os cidadãos sensatos e mansos como ovelhas, honrados e inimigos de pleitos.

Cleón

Todos vos sublevais contra mim! E sem embargo, cavaleiros, por vossa causa me vejo em maus lençóis, pois ia precisamente propor ao Senado que se construa na cidade um monumento comemorativo de vosso valor.

Coro de Cavaleiros

Que falador, que astuto! Vejam como se arrasta ao nosso redor e tenta

²⁸ Cidade da Trácia, submetida então a Atenas e que tentava sacudir o jugo da metrópole. Cléon, ao ver uma taça de Cálcis nas mãos de Demóstenes, suspeita que é um presente enviado para o subornar.

²⁹ Ver nota 16.

³⁰ Chamavam-se assim os juízes do tribunal de Atenas, situado ao sul e ao ar livre. Cléon contava com a ajuda dos heliastas, que eram 500 por causa do soldo de três óbolos que por iniciativa sua lhes havia sido destinado.

³¹ O Quersoneso de Trácia, então tributário de Atenas e muito maltratado por Cléon.

nos enganar como se fôssemos velhos dementes. Mas se chegou a vencer outras vezes por esse meios, por eles será castigado agora. Se se inclina até aqui, lhe plantarei um pontapé no traseiro.

Cléon (*espancado pelos Cavaleiros.*)

Oh povo! Oh, cidadãos! Que feras me chutam o ventre?

Coro de Cavaleiros

Apelas aos gritos, destruidor da República?

Chouriceiro

Eu me comprometo a agüentar o rojão, gritando mais do que ele.

Coro de Cavaleiros

Se teus gritos foram mais altos, te proclamaremos vencedor. Se o sobrepujares em semvergonhice, a vitória ser a vossa.

Cléon (*ao Chouriceiro.*)

Eu denuncio esse homem, e sustento que levou suas mercadorias aos navios Peloponesos³².

Chouriceiro

Eu acuso esse homem de ter ido ao Pritaneu com o estômago vazio e ter voltado com a barriga cheia.³³

Demóstenes

Além do mais, tirá de lá coisas proibidas, carne, pão e mariscos, o que nunca conseguiu o próprio Péricles.

Cléon

Os dois vão morrer!

Chouriceiro

Gritarei três vezes mais que tu!

Cléon

Te aturdirei com minha voz!

Chouriceiro

Te ensurdecerei com meus gritos!

Cléon

Te acusarei quando fores general!

Chouriceiro

Eu te aleijarei como um cachorro!

Cléon

³² Não esquecer que Atenas estava em guerra com os Peloponesos.

³³ Alusão ao súbito enriquecimento de Cléon.

Eu te cortarei as asas!

Chouriceiro

Eu te cortarei o caminho!

Cléon

Olhe-me de frente!

Chouriceiro

Eu também fui criado na praça e sei gritar.

Cléon

Se berras te faço em pedaços!

Chouriceiro

Se falas, te cubro de merda!

Cléon

Eu confesso que sou um ladrão; mas tu negas que o és.

Chouriceiro

Por Mercúrio³⁴, deus do mercado, o negarei com juramento, ainda que me apanhe em flagrante.

Cléon

Queres te adornar com méritos aheios! Te acusarei ante os Pritaneus³⁵ de que tens ventres de vítimas dos quais não pagou seu dízimo aos deuses.

Coro de Cavaleiros

Infae, malandro, falastrão! Tua audácia chega a toda a terra, toda a Assembléia, as oficinas de arrecadação, os processos, os tribunais! Removedor de lama, tu enturvaste a limpeza da República e ensurdeceste Atenas com teus estentóreos clamores! Tu, desde o alto do poder fiskas as rendas públicas,, coo desde um penhasco o pescador fiska os atuns.

Cléon

Já sei onde se curtiu³⁶ esta conspiração.

Chouriceiro

Sim, se tu não soubesses curtir peles, eu não saberia fazer salsichas; tu, que vendias aos lavradores a pele de u boi doente, curtida de maneira que parecia mais grossa, e apnas usavam-na um dia se estirava dois palmos.

Demóstenes

A mim me fez o mesmo de um calçado! Quanto se riram eus

³⁴ Mercúrio era o deus dos Mensageiros, comerciantes e ladrões. Logo, negar “por Mercúrio” que se era ladrão devia causar alguns risos na platéia.

³⁵ Os Pritaneus eram cinquenta indivíduos do Senado ou Conselho dos Quinhentos, encarregados da vigilância e presidência das Assembléias durante trinta e cinco dias.

³⁶ Termo tomado de seu ofício de curtidor.

companheiros e vizinhos! Antes de chegar a Pérgamo³⁷ já nadava em meus sapatos.

Coro de Cavaleiros

Não tens dado desde o princípio da tua vida pública mostras de senveronhice, arma única dos oradores? Tu que és o chefe do banho indecente, que extorques os estrangeiros opulentos; por isso o filho de Hipódamo³⁸ chora quando te vê! Mas agora apareceu (quanto me alegro!) outro homem mais malandro que tu, que te arrancará do teu lugar e, ao que parece te vencerá em audácias, intrigas e maquinações.

(Ao Chouriceiro.)

Tu, que te criaste aqui mesmo³⁹ de onde saem todos os homens que valem algo, demonstra-nos quão inútil é uma educação honrada.

Chouriceiro

Escutai quem é esse cidadão.

Cléon

Não me deixarás falar?

Chouriceiro

Não.

Cléon

Sim!

Chouriceiro

Não, por Netuno! Discutamos antes para ver a quem cabe falar primeiro.

Cléon

Oh, vou estourar de raiva!

Chouriceiro

Não deixarei.

Coro de Cavaleiros *(ao Chouriceiro.)*

Deixa-lhe, pelos deuses te peço; deixa-lhe estourar.

Cléon

Em que te apoias para crer-te digno de me contradizer?

Chouriceiro

Em que sei falar e fazer chouriços.

Cléon

³⁷ Demo ou bairro perto de Atenas.

³⁸ Ver no livro.

³⁹ Quer dizer: no mercado, escola de senvergonhice e malícia.

Tu,, saber falar! Se te apresenta algum assunto, se verá como o fazes picadinhos e o embutes se dificuldade! A ti te aconteceu o mesmo que a muitos outros: sem dúvida ganhaste um pleito contra algum meteco⁴⁰ à força de sonhar com tua defesa a noite inteira, de falar sozinho pelas ruas, de beber água e ensaiar cem vezes, com grande incômodo de teus amigos; e, por nada mais, já te crês um orador eloquente. Que estupidez!

Chouriceiro

E tu, que licor bebeste para fazer calar toda a cidade com tua charlatanice?

Cléon

E este infeliz se atreve a se opor a mim? A mim, que depois de comer uma pratada de atum quente e de beber um taça de bom vinho, sou capaz de fazer um corte de mangas a todos os generais de Pilos?

Chouriceiro

E eu, depois de tragar todos os miúdos de um boi e o ventre de um porco e de beber por cima o tempero, sou capaz de estrangular a todos os oradores e deixar louco o próprio Nícias.

Coro de Cavaleiros

Me pareceu bom tudo quanto disseste; só me desagrada que penses em beber o tempero.

Cléon

Por que não te atreves com milésios⁴¹, ainda que só seja para comer peixes do mar?

Chouriceiro

Duvidas que se como um lombo de boi recupero as minas?⁴²

Cléon

Duvidas que se e pego sobre o Senado o transtorno todo?

Chouriceiro

Duvidas que faço um salsichão com teu intestino reto?

Cléon

Duvidas que te aplico um pontapé e te vais?

Coro de Cavaleiros

Eh, por Netuno! Para que esse vá tens que passar por mim primeiro!

⁴⁰ Metecos ou estrangeiros domiciliados não gozavam de direitos políticos; sua condição é muito inferior a dos cidadãos.

⁴¹ As costas de Mileto abundavam e rica pesca, especialmente em uma espécie de perca, peixe que os romanos chamavam lupus.

⁴² Refere-se às minas de ouro e prata de Lauriu, montanha próxima a Atenas. O imposto sobre seus rendimentos proporcionava ao Estado uma boa renda. Pertenciam a particulares ricos.

Cléon

E que cepo de madeira⁴³ te vou meter!

Chouriceiro

Te acusarei de covardia!

Cléon

Cobrirei bancos com tua pele!

Chouriceiro

Te esfolarei para fazer uma bolsa de bandido!

Cléon!

Te cravarei no solo!

Chouriceiro

E eu te farei picadinho!

Cléon

Te arrancarei as pálpebras!

Chouriceiro

Te arrebentarei o bucho!

Demóstenes

Por Júpiter! Metamos um pau em sua cabeça como fazem os cozinheiros, arranquemos-lhe a língua, e olhando pelo buraco de seu ânus vejamos se tem hemorróidas!⁴⁴

Coro de Cavaleiros

Existem coisas mais ardentes que o fogo e, na cidade, palavras mais desavergonhadas que a própria desvergonha. Não há porque desistir.

(Ao Chouriceiro.)

Empurra-o, derruba-o, não faça nada pela metade; se conseguires fazê-lo fraquejar no primeiro encontro, verás como é um covarde. Nós o conhecemos bem.

Chouriceiro

Sempre o foi, e com efeito passou por valente só por ter tido a manha de recolher a colheita alheia. Agora deixa que sequem nas prisões as espigas, e pretende vendê-las.⁴⁵

Cléon

⁴³ Prendiam-se os criminosos em cepos de madeira.

⁴⁴ Operações que se praticavam com os porcos para se certificar de seu bom estado.

⁴⁵ Alusão à vitória de Pilos, conseguida na realidade por Demóstenes, e de cuja glória se apoderou Cléon. Alusão também aos prisioneiros de Espactéria,, pelos quais se exigia aos lacedemônios um resgate exagerado, e que no fim acabaram morrendo de miséria nas prisões de Atenas.

Não vos temo enquanto existir o Senado e o povo continuar sendo estúpido.

Coro de Cavaleiros

Que sem-vergonha é em tudo! Nem sequer muda de cor! Se não te aborreço, permita Júpiter que ele sirva a Cratino de Colchão⁴⁶ e que tenha que aprender a cantar toda uma tragédia de Morsino⁴⁷.

(A Cléon.)

E tu, que coo abelha que vaga de flor em flor andas pedindo presentes a todos em todas as partes, tomara que os devolvas com a mesma facilidade com que os adquires! Então poderemos cantar: “Brinda, brinda à boa fortuna!”⁴⁸. E até o filho de Júlio, esse velho apanhador de trigo cantará alegremente aos deuses Pean⁴⁹ e a Baco.

Cléon

Vos juro por Netuno que não me excedereis em senvergonhice! Senão, o céu permita que eu não assista aos sacrifícios de Júpiter, protetor do mercado!⁵⁰

Chouriceiro

E eu juro pelos infinitos socos que por causa de mil roubos me sacudiram desde a infância, e pelas cem facadas que levei que espero te vencer nesta contenda, caso contrário me seria inútil essa gordura, adquirida à força de comer as migalhas destinadas a lipar a gordura dos dedos.⁵¹

Cléon

Migalhas, como um cachorro! E tu, miserável, que te alimentaste como um cachorro, queres brigar como um cinocéfalo?⁵²

Chouriceiro

Eh, por Júpiter! Também eu cometi minhas fraudes quando pequeno. Sabia enganar os cozinheiros, dizendo: “Olhem, não vêem? Já vem a primavera, a andorinha!” Eles olhavam e, enquanto isso, lhes roubava os melhores pedaços.⁵³

Coro de Cavaleiros

Astúcia admirável! Inteligência precoce! Como os aficcionados em comer urtiga⁵⁴, fazias a tua colheita antes de voltarem as andorinhas.

⁴⁶ Célebre poeta cômico que por sua aficção ao vinho, que Aristófanes lhe joga na cara várias vezes, contraiu incontinência urinária e molhava seu colchão.

⁴⁷ Trágico detestável.

⁴⁸ Assim começava uma canção de Simonides.

⁴⁹ Hino a Apolo, e por extensão da idéia, o próprio deus.

⁵⁰ Sem dúvida por causa da estátua que se encontrava na ágora ou mercado.

⁵¹ Ao invés de lenços, os gregos usavam migalhas de pão para limpar os dedos.

⁵² Cinocéfalo quer dizer “cabeça de cachorro”, ou seja, sem-vergonha.

⁵³ A aparição das andorinhas era, na Grécia, sinal da volta da primavera. Celebrava-se a vinda.

⁵⁴ Colhiam-se ao se aproximar o bo tempo.

Chouriceiro

Na maior parte das vezes, os cozinheiros não me viam. Mas se algum me notava, eu escondia a carne entre as minhas nádegas e jurava por todos os deuses que não tinha nada entre elas. Por isso, um orador que me viu disse: “É impossível que esse rapaz não chegue algum dia a governar a República”.

Coro de Cavaleiros

Acertou em seu prognóstico. Procedias então como um verdadeiro governante, ao negar o furto enquanto o escondias entre as nádegas.

Cléon

Eu reprimirei tua audácia. Me jogarei sobre ti com ímpeto horrendo, e semelhante a um violento furacão revolverei os mares e a terra.

Chouriceiro

Mas eu farei com meus chouriços uma balsa, e me encomendando sobre elas às ondas propícias farei com que te arrependas.

Demóstenes

E eu vigiarei na sentinela, pelo acaso de se rachar a nave.

Cléon

Juro por Ceres! Não hás de desfrutar impunemente dos talentos⁵⁵ que roubaste a Atenas.

Coro de Cavaleiros

Cuidado, amaina um pouco as velas: começa a soprar um vento de calúnias e difamações.

Chouriceiro

Me consta que sacastes dez talentos de Potidéia.⁵⁶

Cléon

Quem? Eu? Queres um para calar?

Coro de Cavaleiros

Com gosto o tomara. Mas porque já desamarras?

Chouriceiro

O vento cede.⁵⁷

Cléon

Vou fazer que te citem e quatro causas de cem talentos cada uma!⁵⁸

⁵⁵ Moeda corrente na época em Atenas.

⁵⁶ Cidade tributária de Atenas que ao princípio da guerra do Peloponeso se declarou independente e foi reduzida à obediência depois de um grande assédio.

⁵⁷ É de se supor que o Coro de Cavaleiros, o chouriceiro e Demóstenes formassem em coreografia uma espécie de navio, com Cléon sendo o vento contrário, desde a fala do banco de chouriços até esta.

⁵⁸ O acusador devia fazer a multa a que havia de ser condenado o réu, no caso de provado o delito.

Chouriceiro

E eu a ti vinte por deserção, e mais de mmil por roubo!

Cléon

Eu direi que descendes dos profanadores da deusa!⁵⁹

Chouriceiro

E eu,, que teu avô foi um dos satélites...⁶⁰

Cléon

De quem? Diz!

Chouriceiro

De Birsina, esposa de Hípias.⁶¹

Cléon

És um impostor!

Chouriceiro

E tu um bandido!

Coro de Cavaleiros

Dá-lhe duro!

Cléon

Ai! Ai! Os conspiradores me matam a pauladas!

Coro de Cavaleiros

Dá-lhe, dá-lhe duro; açoita-lhe o ventre com feixes de intestinos; castiga-lhe sem piedade! Oh, admirável corpulência do chouriceiro! Oh, coração esforçado, salvador da República e dos cidadãos! Com que hábil oratória soubeste vencê-lo! Quem dera pudéssemos elogiar-te como desejamos!

Cléon

Eu não ignorava, por Ceres,, esta fábrica de intrigas. Bem sabia que aqui se colavam todas.⁶²

Coro de Cavaleiros

E tu, Chouriceiro, não lhe dirás algum termo de construtor de carroças?

Chouriceiro

Tampouco eu ignoro o que ele está tramando em Argos. Finge que trata de conciliar a aliança, e no entanto realiza conferências secretas com os lacedemônios. Sei para que se atíça esse fogo: para forjar os grilhões dos

⁵⁹ Alusão a um antigo sacrilégio cometido no templo de Minerva (Atena).

⁶⁰ Amantes.

⁶¹ A mulher de Hípias, tirano de Atenas e filho de Pisístrato, chamava-se Mirrina ou Mirsina; mas Aristófanes lhe dá o nome de Birsina, aludindo ao ofício original de Cléon, pois Birsina significa “couro”.

⁶² Paródia das metáforas vulgares e popularescas que alguns oradores empregavam para fazer efeito nas massas.

cativos.

Coro de Cavaleiros

Bravo, bravo! Tu forjas enquanto ele cola!

Chouriceiro

Ali tens homens que te ajudam em tua obra. Mas, ainda que me dê todo o ouro e a prata do mundo, e me envies todos os meus amigos para que me cabe, nunca conseguirás que eu oculte a verdade dos atenienses!

Cléon

Irei agora mesmo ao Senado e delatarei a todos a vossa conjuração, vossas reuniões noturnas contra a República, vossa convivência com o rei persa, e o negócio com os da Beócia do qual tratais que coalhe!

Chouriceiro

Então, qual o preço do queijo da Beócia?⁶³

Cléon

Por Hércules, vou te esfolar vivo!

(Sai.)

Coro de Cavaleiros

Ea, demonstra-nos agora astúcia e valor; tu, que como acabas de confessar, em outros tempos gostava de esconder a carne entre as nádegas! Corre ao Senado sem perder um instante, pois ele vai caluniar-nos a todos, como é seu costume.

Chouriceiro

Vou até lá; mas antes permitam que eu deixe aqui essas tripas e essas facas.

Coro de Cavaleiros

Leva só essa banha para untar o corpo e poder escorregar-se se a calúnia te agarra.⁶⁴

Chouriceiro

Bom conselho; assim deve fazer na palestra.

Coro de Cavaleiros

Toma, come também esses olhos.

Chouriceiro

Para quê?

⁶³ Cléon usou mais uma metáfora vulgar para tentar causar impressão, e a pergunta do chouriceiro ridiculariza a metáfora.

⁶⁴ Imitando os atletas, que untavam o corpo com azeite para melhor escorregar entre as mãos dos adversários.

Coro de Cavaleiros

Para que ao combater, farto e olhos, tenhas mais força, meu amigo. Mas anda logo.

Chouriceiro

Já vou.

Coro de Cavaleiros

Procura mordê-lo e derrubá-lo; arranca-lhe a crista, e não volte sem ter comido sua papada.⁶⁵ Parte alegre e triunfa como é meu desejo. Que Júpiter do mercado te guarde e voltes vencedor e coberto de coroas!

(O Chouriceiro sai; o Coro fica sozinho em cena pela primeira vez e se volta aos espectadores para principiar a parábasis.)

Vós que estais acostumados a todo gênero de poesias, escutai nossos anapestos⁶⁶.

Se algum de vossos antigos poetas cômicos tivesse pedido a nós, cavaleiros, que recitássemos seus versos no teatro, teria sido difícil a ele consegui-lo; mas o autor dessa comédia é digno de que o façamos em seu obséquio, seja porque odeia as mesmas pessoas que nós, seja porque, desafiando intrépido o furacão e as tempestades, não tem medo de dizer o que é justo. Muitos tem vindo até ele admirando-se de que demorou muito para lançar mão do coro, e por isso o poeta nos manda que vos exponhamos o motivo. O haver tardado tanto se deu porque sabe que a arte de fazer comédias resulta nas mais difíceis de todas, a ponto que dos muitos que tentaram poucos conseguiram dominá-la. O poeta além disso sabe, como inconstante é vosso caráter, e com que facilidade abandonais, logo que envelhecem, os poetas antigos. Não ignora em primeiro lugar, a sorte que alcançou Mages⁶⁷ quando começaram a branquear seus cabelos. Ainda que tivesse conseguido muitas vitórias nos certames cômicos, ainda que tenha recorrido a todos os modos e apresentando em cena “Citaristas”, “Aves”, “Lídios”, “Cinepes”⁶⁸, ainda que tenha pintado o rosto da cor das rãs, não pode sustentar. Vós o abandonastes na idade madura e não na juventude, porque com anos havia perdido a graça que vos fazia rir. O poeta também se lembra de Cratino, que em seus bons tempos, no apogeu de sua glória, corria impetuosamente pelas planícies e desenraizando bananeiras e carvalhos os arrastava com seus adversários vencidos. Então não se podia cantar nos banquetes outra coisa que: “Doro, da sandália de figueira”⁶⁹ e “Autores de hinos elegantes”⁷⁰; tão florescente estava! Mas agora, quando o vedes cambalear, não vos compadeceis dele. Desde que da sua lira caem as tarrachas, saltam as cordas e se perdem as harmonias, o pobre ancião vaga do mesmo jeito que Connas⁷¹, cingida a fronte de uma coroa seca e morto de

⁶⁵ Alusão às brigas de galo.

⁶⁶ Metro usado na parábasis

⁶⁷ Poeta cômico, em princípio muito agradou os atenienses, que premiaram suas peças onze vezes.

⁶⁸ Títulos de algumas peças de Mages.

⁶⁹ Princípio de um canto de Cratino, que era uma sátira contra a venalidade e a delação.

⁷⁰ Princípio de outro canto de Cratino.

⁷¹ Músico que tinha o vício de se embriagar. Sua pobreza era extremada, pois as cordas de oliva com que o premiaram nos jogos olímpicos eram todo o seu patrimônio. Dizia-se dele que “Estava bem coroadado

sede, ele que por seus primeiros triunfos merecia beber no Pritaneu⁷², e ao invés de delirar em cena, presenciar perfumado o espetáculo, sentado junto à estátua de Baco⁷³. E Crates⁷⁴, quantos insultos e ultrajes não sofreu de vós, apesar de que vos alimentava, por tão pouco em troca, mastigando em sua boca delicada os mais geniais pensamentos? E, com efeito, este foi o único que se sustentou, caindo umas vezes e levantando outras.

Temendo isso, nosso poeta se conteve, repetindo a si mesmo: “É preciso ser remeiro antes de ser piloto, e guardar a proa e observar os ventos antes de dirigir por si mesmo a nave.” Graças a esta modéstia, que o impediu de dizer-vos imbecilidades, tributai-lhe um aplauso que iguale o estrondo das ondas, honrai-o nas festas Lêneas com aclamações jubilosas para que, satisfeito por seu triunfo, se retire com a fronte radiante... de alegria.⁷⁵

Netuno eqüestre⁷⁶, que te comprazes em ouvir o relincho dos teus corcéis e o ressoar de seus cascos fendidos; potente nune a quem agrada ver as Trirrenes⁷⁷ mercenárias fenderem rápidas os mares com proa azulada, e os jovens, excitados por uma paixão que os arruina, dirigir seus carros na renhida disputa, assiste a esse coro, divindade de áureo tridente, rei dos golfinhos, adorado em Súnio⁷⁸ e em Geresta⁷⁹, filho de Saturno, protetor de Fórmion⁸⁰, e agora o mais propício dos deuses para Atenas.

Queremos elogiar nossos pais, heróis dignos da sua pátria e das honras do peplo⁸¹ que, vencedores sempre em todas as partes, com combates terrestres e marítimos, cobriram de glória à República; que nunca, ao encontrar os inimigos, se ocuparam em contá-los, pois seu coração estava sempre disposto ao ataque. Se algum deles por acaso acabava caindo na batalha, limpava-se do pó, e, negando sua queda, voltava à carga com mais ardor. Jamais os generais de então pediram a Cleéneto⁸³, se negam a combater. Nós desejamos lutar valentemente, sem soldo, pela pátria e por nossos deuses. Nada pedimos em paga, senão que quando se faça a paz e cessem as fadigas da guerra, nos permitam deixar crescido o cabelo⁸⁴ e cuidar de nossa pele.

Veneranda Palas, deusa tutelar de Atenas, que reina sobre a terra mais religiosa e fecunda em poetas e guerreiros, vem e traz contigo a vitória, nossa

mas mal bebido.”

⁷² Cratino era extremamente aficcionado à bebida. Mortificado sem dúvida pela alusão de Aristófanes, compôs aos 97 anos de idade, ou seja, no ano seguinte a representação de “Os Cavaleiros” uma comédia intitulada “A garrafa de vime”, que ganhou o primeiro prêmio. Também Sófocles compôs “Édipo em Colono” aos oitenta e tantos anos.

⁷³ Assento de honra no teatro.

⁷⁴ Poeta cômico. Começou como ator, representando as obras de Cratino.

⁷⁵ Aristófanes alude aqui à sua espaçosa careca.

⁷⁶ Em sua disputa com Minerva (Atena) sobre quem haveria de dar seu nome à cidade de Atenas, Netuno apresentou o cavalo, daí esse epíteto.

⁷⁷ As Trirrenes eram navios de três filas de remeiros.

⁷⁸ Promontório da Ática, consagrado a Netuno.

⁷⁹ Promontório da Eubéia, junto ao qual havia um templo de Netuno.

⁸⁰ General ateniense, chefe da esquadra e famosa por suas recentes vitórias navais. Era de costumes muito austeros. não podendo pagar, por causa de sua honrada pobreza, a quantidade de cem minas, da qual estava em débito com o tesouro público, “foi condenado como insolvente e se retirou para o campo”. Mais tarde o povo ateniense o reabilitou.

⁸¹ O “peplo” ou “peplum” era um manto de uma tela muito fina, consagrado especialmente a Minerva como patrona de Atenas. A cada cinco anos, nas grandes Panatenéias, se oferecia a ela um pelo no qual figuravam as ações e os nomes dos cidadãos dignos de se recordar.

⁸³ Uma das honras mais apreciadas era ter assento especial no teatro e em outros lugares públicos.

⁸⁴ Os cavaleiros usavam o cabelo comprido.

companheira nos exércitos e batalhas, essa fiel amiga do coro, que combate ao nosso lado contra nossos inimigos! Apresenta-te agora: hoje mais do que nunca, seja como seja, é necessário que nos outorgues o triunfo. Queremos também proclamar quão bons são nossos cavalos: são dignos de serem louvados⁸⁵. Muitas vezes nos ajudaram nas excursões e combates; mas nunca nos causaram tanta admiração pelo que fizeram em terra como quando se lançaram intrepidamente aos navios⁸⁶, com toda a sua carga de campanha, alhos e cebolas; e apoderando-se dos remos como se fossem homens gritavam: “Hippapai!”⁸⁷ Quem remará com mais brio? Que fazemos? não remará tu, oh Sânfora?!”⁸⁸ Também desceram até Corinto: os mais jovens fizeram ali um leito com seus cascos e saíram em busca de cobertores, e em vez de forragem da Média, comiam os caranguejos que se descuidavam em sair à praia, e ainda os buscavam no fundo do mar. Por isso Teoro disse que um caranguejo havia falado assim: “É terrível, oh Netuno! não poder, nem no fundo do abismo, nem na terra, nem no mar, escapar dos cavaleiros!”⁸⁹

(Volta a se apresentar o Chouriceiro. Fim da Parábasis.)

Oh, mais querido e valente dos homens, quão inquietos ficamos durante tua ausência! Já que voltas são e salvo, conta-nos como te arranjuste.

Chouriceiro

Que hei de dizer-vos? Basta saberdes que consegui a vitória no Senado.

Coro de Cavaleiros

Agora é a ocasião de prorrompermos todos em exclamações de júbilo! Tu, que falas tão bem, mas que superas tuas palavras com as obras, conta-nos tudo pormenorizadamente. De bom grado empreenderíamos uma longa viagem só para te ouvir. Portanto, homem excelente, fala sem medo; todos nos alegamos com teu triunfo.

Chouriceiro

Escutai, que a coisa vale a pena. Quando saí daqui, o segui pisando-lhe os calcanhares; apenas entrou no Senado, começou com sua voz estentórea a berrar contra os cavaleiros, cumulando-os de calúnias espantosas, acusando-os de conspiradores e amontoando palavras sobre palavras, que começaram a ter algum crédito. O Senado o escutava, e tão facilmente se contentou com essas falsidades, que cresciam prodigiosamente como erva daninha, que eu lançava miradas severas e franzia as sobancelhas. Mas eu, assim que compreendi que suas palavras produziam efeito e que conseguia enganar o seu auditório, exclamei: “Oh, deuses protetores da luxúria e da fraude, das fanfarronices e senvergonhices; e tu, mercado, onde se educou minha infância, dai-me a audácia, língua rápida e voz desavergonhada!” Quando pensava eu nisto, um viado soltou um peido à minha direta, e me prosternei em atitude de

⁸⁵ O coro tributa aos seus cavalos os elogios que, por modéstia, não quer dirigir a si próprio.

⁸⁶ Os atenienses enviaram uma expedição contra Corinto após a vitória de Pilos, muitas vezes aludida nesta comédia.

⁸⁷ Grito dos marinheiros

⁸⁸ Nome de um cavalo.

⁸⁹ Passagem cheia de alusões obscuras.

adoração. Depois, empurrando a barreira com o peito, gritei abrindo uma boca enorme: “Senadores, sou portador de boas notícias, e quero ser o primeiro a anunciá-las. Desde que estourou a guerra, nunca estiveram mais baratas as sardinhas.” Imediatamente, brilhou o contentamento em todos os semblantes, e em seguida me decretaram um coroa por boa nova. Eu em troca os ensinei em poucas palavras um segredo para comprar muitas sardinhas por um óbolo: era o de recolher todos os pratos aos fabricantes. Todos aplaudiram e me olharam com a boca aberta. Notando isto, o Paflagônio, que conhece muito bem o modo de engabelar o Senado, disse: “Cidadãos, proponho, já que notícias tão boas acabam de ser-nos anunciadas, que para celebrá-las imolemos cem bois a Minerva.” E o Senado se pôs outra vez de parte. Eu, vendo-me então humilhado e vencido, lhe passei a perna, propondo que se sacrificassem duzentos boi e além disso mil cabras a Diana, se no dia seguinte se vendessem as sardinhas a um óbolo o cento. Com isso o Senado se inclinou novamente a meu favor; e o Paflagônio, aturdido, começou a dizer disparates. Os arqueiros e pritaneus o expulsaram dali e se formaram grupos em que se tratava das sardinhas. Ele lhes suplicava que esperassem um momento: “Escutai – dizia – o que vai dizer o enviado da Lacedemônia: Vem tratar da paz”. Então gritaram todos de uma vez: “A paz? Agora? Estúpido! Depois que sabemos o quanto a sardinha está barata? não precisamos de paz, que siga a guerra!” E ordenaram aos pritaneus que suspendessem a sessão. Em seguida saltaram as trancas por todos os lados. Eu escapei e corri para comprar quanto coentro e alho havia no mercado, e logo os distribuí grátis a todos que os necessitavam para temperar as sardinhas. Eles não achavam palavras com que me elogiar e me enchiam de carícias ao ponto que, por um só óbolo de coentro, me fiz dono do Senado.

Coro de Cavaleiros

Conseguiste tudo a que te propunhas como homem favorecido pela sorte. Aquele malandro topou com outro que lhe dá de dez em fanfarronices, astúcias e adulações. Procura terminar o combate com igual felicidade; já sabes que somos benévolos auxiliares.

Chouriceiro

Aí vem o Paflagônio, turvando e arremessando as ondas diante de si, como se tentasse me tragar. Deuses, que audácia!

Cléon (entrando.)

Que eu morra, se não te faço em pedaços com as poucas e antigas mentiras que me restam!

Chouriceiro

Gosto de ouvir tuas ameaças e me rir do teu mau humor. De medo que me dás, bailo e grito: cucurucucu!

Cléon

Por Ceres, que eu pereça agora mesmo se não te devoro!

Chouriceiro

Se não me devoras? Assim, que eu morra se não te sorvo de um gole e

arrebento depois de te ter sorvido!

Cléon

Te matarei, juro pelo assento de honra que ganhei com Pilos!

Chouriceiro

Já saiu o assento distinguido! Bah! Acho que logo, logo, vou te ver relegado daquela assento aos últimos bancos do teatro.

Cléon

Juro por tudo que há para jurar que te aplicarei o tormento!

Chouriceiro

Que furioso ele está! Vejamos: que te darei de comer? Que é que mais gostas? Uma bolsa?

Cléon

Vou arrancar as tripas com as unhas!

Chouriceiro

Eu te cortarei essas unhinhas com as quais agarras os víveres do Pritaneu.

Cléon

Te arrastarei perante o povo (Demos) para que me faça justiça!

Chouriceiro

Também eu te arrastarei e te acusarei de mil crimes!

Cléon

Miserável! Ele não crê em ti, e eu faço dele o que quero!

Chouriceiro

Quão seguro estás de dominar o povo! (Demos)

Cléon

É que sei que guisado lhe dar.

Chouriceiro

E o alimentas mal. Fazes como as amas, que com o pretexto de provar antes a comida, comem três vezes mais do que o que oferecem.

Cléon

Por Júpiter! Com minha destreza eu posso esticar ou apertar o povo às minha vontade.

Chouriceiro

Grande coisa! Também o sei fazer!

Cléon

Pobre homem, não penses que me hás de aprontar outra como a do Senado. Chamemos o povo!

Chouriceiro

Nada nos impede; vai em frente, não demores.

Cléon

Povo! Oh, Demos! Sai aqui!

Chouriceiro

Sim, por Júpiter! Sai aqui, paizinho meu!

Cléon

Meu povo querido, sai para que vejas quão indignamente me tratam!

O Velho Demos⁹⁰

Quem são esses que fazem esse alvoroço? Pra fora logo desta porta! Me tiraram o ramo de oliveira!⁹¹ Quem te maltrata, Paflagônio?

Cléon

Este e estes jovens cavaleiros, que me espancam por tua causa.

Demos

Por quê?

Cléon

Porque te quero, oh, Demos! Estou enamorado de ti!

Demos

E tu, quem és?

Chouriceiro

Eu sou o rival dele; te amo faz tempo e, junto com outros bons e honrados cidadãos, só desejo te ser útil. Mas este nos impede. Tu te pareces com esses jovens rodeados de amantes: não queres os bons e honrados e te entregas aos vendedores de lâmpadas⁹², aos sapateiros, seleiros e curtidores.

Cléon

E faz bem; porque eu sirvo ao povo, ao bom Demos.

Chouriceiro

Em quê? Diga-me!

Cléon

Fui a Pilos, suplantei os generais quando se dirigiam para lá e trouxe os prisioneiros lacedemônios.

⁹⁰ Demos, em grego, significa povo.

⁹¹ Era costume religioso colocar ramos de árvores nas portas das casas.

⁹² Alusão à Hipérbolo.

Chouriceiro

Também eu, estando passando, roubei de uma tenda uma panela com a comida que outro havia posto para cozinhar.

Cléon

Povo meu, convoca o quanto antes uma Assembléia para que saibas qual dos dois te quer mais e decidas quem merece teu amor.

Chouriceiro

Sim; decide entre os dois, contanto que não seja no Pnix.⁹³

Demos

Não posso assentar-me em outro lugar; mas antes é necessário reunir lá os cidadãos.

Chouriceiro

Infeliz de mim, estou perdido! Porque este velho, que na sua casa é o mais discreto dos homens, quando se senta naqueles bancos de pedra fica com a boca aberta, como o que colhe figos com os talos na mão.⁹⁴

(Mudança de decoração. A cena representa o Pnix, lugar de reunião do povo ateniense.)

Coro de Cavaleiros

Agora é necessário que soltes todas as velas e desamarres todas as cordas. Arma-te de valor e astúcia e de discursos maliciosos para vencê-lo. O inimigo é versátil, e hábil em opor todo o tipo de obstáculos. Procura te arrojar sobre ele com todas as tuas forças. Muito cuidado! Antes que ele te ataque, levanta os pesos que tens de jogar nele e adianta tua nave.⁹⁵

Cléon

Oh, poderosa Minerva, protetora da cidade! Se depois de Lísicles, Cina e Salabaca⁹⁶ sou eu quem mais ama o povo ateniense, concede-me que, como até agora o fui, seja eu alimentado às custas do Estado por não fazer nada! Mas se te aborreço e não combato por ti, que eu morra, e que cortem em correias a minha pele!

Chouriceiro

E eu, Demos meu, se não é verdade que te amo e, estimo, permita Júpiter que eu seja cozido e feito em pequeníssimos pedaços! se minhas palavras não te são dignas de fé, consinto em ser ralado sobre esta mesa e misturado com queijo para fazer uma salsicha e que me arrastem por um gancho ao cerâmico⁹⁷, arrancando-me os testículos!

⁹³ Lugar onde se reunia a Assembléia popular.

⁹⁴ Ao pô-los para secar ao sol.

⁹⁵ Metáforas tomadas da navegação.

⁹⁶ Cina e Salabaca eram cortesãs de Atenas.

⁹⁷ Demos de Atenas em que eram sepultados os guerreiros mortos em combate. Na saída da cidade havia um lugar do mesmo nome habitado pelas cortesãs.

Cléon

Oh, povo! Como pode haver um cidadão que te ame mais do que eu? desde que sou teu conselheiro, enriqueci teu tesouro atormentando estes, intimidando aqueles, pedindo a outros, sem nenhuma outra intenção que a de ser grato a ti.

Chouriceiro

Tudo isso, oh Demos!, nada tem de extraordinário. Eu farei o mesmo, pois roubarei pães dos outros para servi-los a ti. Não penses que esse aí te ama e procura o teu bem por consideração à tua pessoa, mas sim para se esquentar ao fogo. De outro modo, como não vês que tu, que desembainhaste em Maratona a espada contra os persas e alcançaste aquela insigne vitória, tantas e tantas vezes procurada, te sentas sempre sobre estas duras pedras⁹⁸? Nunca ocorreu a ele, como a mim, a idéia de te oferecer uma almofada como essa que te trago, costurada com minhas próprias mãos. Vai, levanta e te senta sobre ela comodamente; assim não serão mortificados esses membros que trabalharam tanto em Salamina.

(Oferece uma almofada a Demos.)

Demos

Quem és, meu amigo? Por acaso és da raça de Harmódio? Teu favor é, na verdade, muito popular e delicado.

Cléon

Isso é muito pouco para que te mostres benévolo para com ele tão rápido.

Chouriceiro

Sem dúvida o tens fogado com muito menos.

Cléon

Aposto a cabeça como nunca houve alguém que combata mais que eu por ti, Demos!, nem que te ame mais!

Chouriceiro

Como pode amá-lo, quando o vês viver faz oito anos em covas e choças miseráveis e, longe de te compadeceres dele, o deixas morrer defumado, e que quando veio Arqueptólemo proporcionarmos a paz, rechaçaste e expulsaste da cidade a pontapés os embaixadores encarregados de tratar da paz?⁹⁹

Cléon

É para que Demos governe todos os gregos. Porque nos oráculos se diz que se ele tiver paciência, chegará a cobrar na Arcádia cinco óbolos para administrar a justiça. Assim é que eu o alimentarei e cuidarei dele, e aconteça o que aconteça, sempre pagarei três os óbolos.¹⁰⁰

⁹⁸ O Pnix tinha bancos de pedra.

⁹⁹ Os lacedemônios, antes da tomada de Pilos, enviaram a Atenas uma embaixada solicitando a paz.

Arqueptólemo, cidadão ateniense, foi o encarregado de a apresentar; mas Cléon frustrou seus intentos.

¹⁰⁰ Salário dos juizes, que era um dos meios empregados por Cléon para sustentar sua influência.

Chouriceiro

Só queres que este mande na Arcádia para que possas roubar mais e obter muitos presentes das cidades tributárias. Queres que, no rebuliço da guerra, Demos não possa ver tuas canalhadas, e que a necessidade, a miséria e o atrativo do soldo o obriguem a considerar a ti como sua única esperança. Mas se alguma vez, voltando ao campo, Demos consegue viver em paz e repor suas forças com o trigo novo e as saborosas azeitonas, conhecerá os bens de que é privado pela tua rapina. Então, irritado e feroz, te acusará perante os tribunais. Tu o sabes, e por isso o enganas com quiméricas esperanças.

Cléon

Não é intolerável que tu afirmes isso de mim e me calunies ante os atenienses e Demos quando, juro pela venerável Ceres, prestei a República mais serviços que Temístocles?

Chouriceiro

“Cidade de Argos! Escutas o que ele diz?”¹⁰¹ Tu, igual a Temístocles? Nossa cidade já era cheia de riquezas e Temístocles ainda acrescentou tantas, que transbordaram como águas de um vaso cheio até a boca! Aos manjares de sua esplêndida mesa adicionou o Pireu¹⁰² e, sem nos tirar as antigas paredes, nos procurou outras novas. Tu, igual a Temístocles, quando não fizeste mais do que estreitar a cidade, dividi-la com muralhas e inventar oráculos! Ele, no entanto, foi desterrado, e tu comes magnificamente à nossa custa!

Cléon

Não é um sofrimento, Demos, ter que ouvir estas palavras só porque te amo?

Demos (a Cléon.)

Cala-te. Chega de injúrias. Já me enganaste muito tempo.

Chouriceiro

Ele é um malvado, Demos! Cometeu mil iniquidades enquanto te tinha seduzido. Fez pagarem para si a peso de ouro a impunidade dos corruptos, e metendo o braço até o cotovelo no tesouro da República roubou o quanto pôde.

Cléon

Eu provarei que tu roubaste três mil dracmas!

Chouriceiro

Por que te revoltas? Por que te alvoroças, sendo tu o pior homem que há para o povo ateniense? Também eu provarei, se não que eu morra, que recebeste de Mitilene mais de quarenta minas.

¹⁰¹ Verso de Eurípedes.

¹⁰² Porto de Atenas, que foi feito por conselho de Temístocles, o qual o uniu à cidade por uma muralha de trinta e cinco estádios.

Coro de Cavaleiros

Te felicito por tua eloquência, ó mortal que apareces como benfeitor de todos os homens!¹⁰³ Se continuares assim, serás o maior dos gregos, e único dono da República. Armado do tridente simbólico, governarás os aliados e reunirás imensas riquezas transtornando e confundindo tudo! Mas não soltes esse homem, já que ele se deixou apanhar. Fácil te será vencê-lo com os pulmões que tens.

Cléon

Ainda não, boa gente; as coisas ainda não chegaram a esse extremo. Me resta ainda por contar uma façanha tão ilustre que com ela posso tapar a boca de todos os meus adversários, enquanto se conservem alguns dos escudos trazidos de Pilos.¹⁰⁴

Chouriceiro

Pára, fica nos escudos; já me deste um gancho: pois por precaução não devias, já que amas tanto o povo, ter permitido que fossem suspensos no templo com as braçadeiras. O que temos aqui, Demos meu, é uma maquinação para que não possas castigá-lo, se alguma vez o quiseres. Vês essa turba de jovens curtidores que o escolta, acompanhada dessa outra de vendedores de mel e queijo? Pois todos conspiram pelo mesmo fim. Assim, se te encolerizares com ele e o ameaçar de ostracismo,¹⁰⁵ se apoderarão à noite desses escudos e correrão para se apropriar de nossos celeiros.

Demos

Infeliz de mim! Então eles ainda estão com as braçadeiras? Quanto tempo me enganaste!

Cléon

Demos, não sejas tão crédulo, nem penses que vais encontrar um amigo melhor que eu. Eu sozinho sufoquei todas as conspirações. Basta que surja a menor conspiração, e eu a denuncio a ti aos gritos.

Chouriceiro

Fazes como os pescadores de enguias: se o lago está tranqüilo não pescam nada, mas quando revolvem tudo pra cima e pra baixo, acham boa pesca. Tu também pesca quando revolves a cidade. Mas diga-me só uma coisa: tu, que vendes tanto couro e te jactas de amar tanto ao povo, lhe deste alguma vez uma sola para seus sapatos?

Cléon

não, por Apolo!

Chouriceiro (a Demos)

¹⁰³ Paródia de um verso de “Prometeu” de Ésquilo.

¹⁰⁴ Os escudos tirados do inimigo se colocavam no templo como ação de graças aos deuses, mas tomando a precaução de tirar-lhes as correias ou braçadeiras para evitar que pudessem ser utilizadas em algum motim. O chouriceiro alude a essa falta de precaução de Cléon na sua resposta.

¹⁰⁵ Desterro que se decretava aos cidadãos cujo poder e influência inspirava temor à democracia ateniense.

Bem, vê como é esse homem? Eu te comprei esse par de sapatos e a ti os dou para que o gastes.

(Dá um par de sapatos a Demos)

Demos

Nenhum homem, que eu saiba, tem sido melhor que tu para o povo, nem mais zeloso pelo bem da República e pelo bem dos dedos dos meus pés.

Cléon

Não é doloroso que dê tanta importância a um par de sapatos e te esqueças de tudo o que tenho feito em teu favor? Eu corriji os luxuriosos, apagando Grito¹⁰⁶ da lista dos cidadãos!

Chouriceiro

Não é doloroso também que te metas a investigar o traseiro dos outros e a corrigir os luxuriosos? Ainda assim, só o fizeste por medo de que se convertessem em oradores¹⁰⁷. No entanto, vê a este pobre ancião sem túnica no rigor do inverno e não foste capaz de lhe dar uma com duas mangas, como esta com que eu lhe presenteio!

(Dá-lhe uma túnica.)

Demos

Eis aí uma idéia que nunca ocorreu a Temístocles! não há dúvida que as fortificações do Pireu são uma coisa magnífica, mas a mim me parece melhor o fato de ele me dar essa túnica!

Cléon

Ai de mim! Com que puxassaquismos tu me suplantas!

Chouriceiro

Nada disso; faço mesmo que os convidados quando se vêm forçados pela necessidade: assim como eles pegam os sapatos dos outros, eu me valho de tuas arapucas.

Cléon

Pois em puxassaquismo não me ganhas! Vou cobri-lo com esse manto! Tu, malandro, morre de raiva agora!

(Põe o manto em Demos.)

Demos (repelindo Cléon.)

Argh! Tira isso! Está fedendo a couro!

Chouriceiro

Por isso te deu o manto, com o objetivo de te asfixiar. Também antes já tentou: te lembrás daquela verdura que ele vendia tão barato?

¹⁰⁶ Este Grito era sacerdote dos lupanares, condenado à morte por Cléon.

¹⁰⁷ Aristófanes alude outra vez à pederastia dos oradores,

Demos

Se me lembro!

Chouriceiro

Fez que se vendesse tão barata para que vocês as comprassem e comessem e que depois no tribunal, vocês, os juízes, se matassem uns aos outros com suas ventosidades.

Demos

Por Netuno! Um esterqueiro me disse a mesma coisa!

Chouriceiro

E vocês não ficam vermelhos de tanto mau cheiro?

Demos

Foi, de verdade, uma idéia digna de Pirrando.¹⁰⁸

Cléon

Canalha! Com que invencionices pretendes me por a perder!

Chouriceiro

A deusa me ordenou te sobrepujar no falatório.

Cléon

Pois não me vencerás! Eu prometo, ó Demos!, te dar um bom pasto: teu salário de juiz sem trabalhar nada!

Chouriceiro

E eu te dou essa caixinha com unguento para que cures as úlceras de tuas pernas.

Cléon

E eu te rejuvenescerei, tirando teus cabelos brancos!

Chouriceiro

Toma este lenço de pele de lebre para enxugar os teus olhinhos.

Cléon

Quando comeres, meu Demozinho, limpa os dedos na minha cabeça.

Chouriceiro

Não; na minha!

Cléon

Na minha!

(Ao Chouriceiro.)

¹⁰⁸ Um delator.

Farei que te nomeiem Trierarca¹⁰⁹, para que te vejas obrigado a equipar um navio por tuas custas! E procurarei te dar o mais velho, desse modo não terão fim os teus gastos e reparações. Um com as velas bem podres!

Coro de Cavaleiros

O homem entra em ebulição! Basta, basta! Olha que já ferves demais... tira um pouco desse fogo para que diminuam seus espumaços de raiva.

Cléon

Vai me pagar tudo isso! Vou te moer com contribuições e fazer que te inscrevam na classe dos ricos!

Chouriceiro

não perderei tempo com ameaças; só te desejo isso: que quando a panela, cheia de lulas, estiver chiando no fogo e tu te preparando para falar pelos Milésios de modo a ganhar um talento se conseguires que sua proposição seja aprovada, antes de ir à Assembléia, se apresente qualquer infortúnio e tu, para não perder o talento, ao tentar engolir com muita pressa a fritada, te afogues com o almoço.

Coro de Cavaleiros

Muito bem, por Júpiter, Ceres e Apolo!

Demos

Me parece também fora de dúvida que este homem é um bom cidadão, desses que nesses tempos não se vendem por um óbolo. Tu, Paflagônio, que tanto alardeias me querer, me irritaste e, portanto, devolve-me o meu anel,¹¹⁰ pois desde esse instante deixas de ser meu tesoureiro.

Cléon

Toma. No entanto, é bom que saibas que, se não me deixas governar a República, meu sucessor será pior que eu.

Demos

Não é possível que este seja o meu anel. Me parece, se não me engana minha vista, que o selo é diferente.

Chouriceiro

Vejamos: qual é o teu selo?

Demos

Uma folha de figueira untada de gordura.

Chouriceiro

Não é esse.

¹⁰⁹ O cargo de Trierarca era muito oneroso. A República só proporcionava o casco do navio, e o Trierarca tinha que equipá-lo às suas custas. Era um dos meios dos quais se valiam os demagogos para atacar seus inimigos.

¹¹⁰ Signo de mando.

Demos

não é a folha de figueira? Mas o que tem nele?

Chouriceiro

Um corvo marinho¹¹¹, com o bico aberto, discursando de uma pedra.¹¹²

Demos

Pobre de mim!

Chouriceiro

Que foi?

Demos

Leva-o daqui: não é o meu, é o de Cleônimo¹¹³. Toma este e seja meu tesoureiro.

Cléon

Ao menos, meu dono, escuta antes os meus oráculos.

Chouriceiro

E os meus.

Cléon

Se acreditares nele, terás que te prestar às suas rapinas.

Chouriceiro

Se acreditares nele, terás que te prestar às suas infâmias.

Cléon

Meus oráculos dizem que reinarás em todo o mundo e coroado de rosas.

Chouriceiro

E os meus que, vestido de uma túnica de púrpura bordada e cingida a fronte com uma coroa, perseguirás num carro de ouro Esmicites¹¹⁴ e seu marido.

Demos

Vai e traz todos os oráculos para que este os ouça.

Chouriceiro

Com prazer.

Demos (a Cléon)

Traz tu também todos os teus.

¹¹¹ Ave voraz, símbolo da cobiça de Cléon.

¹¹² A tribuna da qual falavam os oradores.

¹¹³ Alusão à sua rapacidade.

¹¹⁴ Rei da Trácia, aliado dos Persas. Aristófanes o converte em mulher, talvez por causa dos seus costumes.

Cléon

Estou indo.

Chouriceiro

Vamos, pois; nada nos impede.

Coro de Cavaleiros

Felicíssimo será este dia para os presentes e os que ainda não de chegar¹¹⁵, se nele ocorrer a queda de Cléon; ainda mais que ouvi na tenda dos pleitos certos velhos sustentarem que se este homem não tivesse alcançado o poder, nos faltariam na República dois instrumentos utilíssimos: o moedor e a escumadeira.¹¹⁶

Admiro também sua educação grosseira. OS que foram colegas de aula dele dizem que nunca pôde tocar em sua lira outro modo que não o dórico, sem querer aprender nenhum outro; por causa disso, irritado, o professor de música o dispensou, dizendo: "Este moço é incapaz de aprender outros tons que não aqueles cujos nomes signifiquem presentear".¹¹⁷

Cléon (*carregado de oráculos.*)

Aqui estão, olha: e ainda não trouxe todos.

Chouriceiro (*carregado de oráculos.*)

Ai! vou me cagar todo com esse peso! E ainda não trouxe todos.

Demos

Que é isso?

Cléon

Oráculos.

Demos

Todos?

Cléon

Te admiras? Pois tenho ainda um baú cheio.

Chouriceiro

E eu tenho cheio de oráculos o vão da minha casa e ainda outros dois quartos.

Demos

Vejamos. De quem são esses oráculos?

Cléon

¹¹⁵ Os habitantes das cidades aliadas.

¹¹⁶ Quer dizer que Cléon desempenhava o mesmo papel na administração do Estado que o moedor e a escumadeira na cozinha: amassando seus inimigos e revolvendo tudo.

¹¹⁷ Alusão aos presentes que Cléon recebia, e a administração de troca de favores: presente, em grego, é *dóron*, daí o jogo de palavras entre dórico e *dóron*.

Os meus de Bácsis¹¹⁸.

Demos

E os teus?

Chouriceiro

De Glanis¹¹⁹, irmão mais velho de Bácsis.

Demos (a Cléon.)

De que falam os teus?

Cléon

De Atenas, de Pilos, de ti, de mim, de todas as coisas.

Demos

E os teus, de que falam?

Chouriceiro

De Atenas, de lentilhas, de Lacedemônia, de anchovas frescas, dos que vendem caro os grãos na praça, de ti, de mim. Te morde agora de raiva, Paflagônio!

Demos

Leiam-mos, leiam-mos, e sobretudo aquele que tanto me agrada porque me vaticina que serei uma águia alçando-me às nuvens.

Cléon

Escuta com atenção: “Medita, filho de Erecteu, sobre o sentido deste oráculo, que Apolo pronunciou do seu santuário impenetrável por meio dos venerandos trípodas. Te manda guardar o sagrado cão de agudíssimos dentes que, ladrando e se esganiçando por ti, defende teu salário; se assim não fizeres, morrerás. Mil gralhas invejosas grasnam contra ele.”

Demos

Por Ceres, não entendi uma palavra de toda essa geringonça! Que tem a ver Erecteu com os cachorros e as gralhas?

Cléon

Eu sou aquele cachorro, que late por ti, e Apolo manda que me guardes.

Chouriceiro

Não, ele não manda semelhante coisa. Mas esse cachorro rói os oráculos do mesmo jeito que a tua porta. Eu tenho um que fala claramente sobre esse cão.

Demos

Diga-lho. Antes vou pegar uma pedra, não queira me morder esse

¹¹⁸ Ver nota 15.

¹¹⁹ Glanis é um adivinho inventado por Agorácrito. Chamava-se assim um peixe que era conhecido por comer a isca sem morder o anzol.

oráculo que fala do cachorro.

Chouriceiro

“Desconfia, filho de Erecteu, do cão Cérbero traficante de homens, que move o pescoço e te encara quando ceias, disposto a te arrebatrar a comida se viras a cabeça para bocejar. De noite penetrará cuidadosamente na cozinha, e com voracidade canina te lambe os pratos e as panelas.”

Demos

Oh, Glanis! Teus oráculos são muito melhores!

Cléon

Escuta, meu amigo, e julga depois: “Há uma mulher que parirá um leão na sagrada Atenas que, como se defendesse seus filhotes, lutará pelo povo contra uma multidão de mosquitos; guarda-o e constrói muralhas de madeira e torres de ferro.” Compreendes o que significa?

Demos

Nem uma palavra.

Cléon

O deus te ordena bem claro que me conserves; eu sou para ti o que é o leão.

Demos

Como te converteste em leão sem que eu soubesse?

Chouriceiro

Ele te esconde uma parte essencial do vaticínio. O fatídico Loxias¹²⁰ ordena com efeito que tu o guardes, mas há de ser preso em muros de madeira e torres de ferro.

Demos

Como! O deus disse isso?

Chouriceiro

Te manda sujeitá-lo a um cepo de cinco buracos¹²¹

Demos

Parece que o oráculo começa a se cumprir.

Cléon

Não acredites nele! É o grasnar das gralhas invejosas. Ama sempre a rapina; não te esqueças que eu te trouxe os corvos da Lacemônia.¹²²

Chouriceiro

¹²⁰ Sobrenome de Apolo quando profetizava. Significa “oblíquo”, em alusão à obscuridade de seus oráculos.

¹²¹ Um para a cabeça e quatro para os membros.

¹²² Um tipo de peixe.

O Paflagônio só enfrentou esse perigo num momento de embriaguez, e tomarás isso por uma façanha insigne, atoleimado cecrópida?¹²³ Uma mulher levaria facilmente um fardo se um homem ajudasse a carregá-lo, mas não combateria na guerra, porque, se combatesse, acabaria se borrando toda.

Cléon

Mas presta atenção no que diz de Pilos, escuta: “Pilos está diante de Pilos...”

Demos

Que significa isso “diante de Pilos”?

Chouriceiro

Dá a entender que ele ocupará todas as “pias” dos banhos.¹²⁴

Demos

De modo que hoje não vou poder me lavar, já que rouba todas as pias.

Chouriceiro

Este meu outro oráculo diz uma coisa sobre a frota na qual convém que fixes tua atenção.

Demos

Já sei: lê, mas antes me diz como hei de me arranjar para pagar o soldo dos marinheiros.

Chouriceiro

“Filho de Egeu, cuidado para que não te engane o cão-raposa; ¹²⁵ olha que ele te morde à traição, e é falaz, astuto e malicioso”. Sabes quem é este?

Demos

Filóstrato é o cão-raposa.¹²⁶

Chouriceiro

Não, não é isso; Cléon te pede naus ligeiras para cobrar impostos nas ilhas; Apolo te proíbe dá-las.

Demos

Mas o que se parece uma trirreme com um cão-raposa?

Chouriceiro

Em que se parece? A trirreme e o cachorro são muito velozes.

Demos

E por que o cão se acrescenta a raposa?

¹²³ Cecróps foi o primeiro rei de Atenas.

¹²⁴ Jogo de palavras intraduzível do original.

¹²⁵ *Cinolopex*, espécie de cão de caça.

¹²⁶ Dono de um bordel, conhecido por este apelido.

Chouriceiro

Porque a raposa se assemelha aos soldados em que rouba as uvas das vinhas.

Demos

Seja. Mas onde está o soldo para essas raposinhas?¹²⁷

Chouriceiro

Eu o proporcionarei ao término de três dias. Escuta também este em que o filho de Latona¹²⁸ te manda evitar Cilene e seus enganos.

Demos

Que Cilene?

Chouriceiro

Dá a entender que é a mão de Cléon, porque está sempre dizendo: “Bota aqui na cile.”¹²⁹

Cléon

Te equivocas: Febo ao falar de Cilene¹³⁰ se refere à mão de Diópito.¹³¹ Mas ainda tenho um oráculo alado que se refere a ti: “Serás uma águia e reinarás em toda a terra.”

Chouriceiro

Eu tenho outro: “Administrarás justiça na terra, no mar Eritreu, em Ectabana, e comerás manjares deliciosos”.¹³²

Cléon

Eu tive um sonho, e nele me pareceu ter visto a própria deusa derramando sobre o povo (Demos) a saúde e a riqueza!

Chouriceiro

E eu também, por Júpiter, e nele me pareceu ter visto a própria deusa baixar da cidadela¹³³ com uma coruja¹³⁴ sobre seus cabelos e derramar de um gordo vaso sobre tua cabeça, ó Demos! a ambrósia, e sobre a desse (apontando Cléon) salmoura com alhos.

Demos

Oh! Oh! Ninguém sobrepuja Glanis em sabedoria! Me encomendando a ti para que sejas o bastão da minha velhice e que me eduques como um menino.¹³⁵

¹²⁷ O soldo era preocupação constante dos atenienses.

¹²⁸ Apolo.

¹²⁹ Quer dizer: no oco da mão.

¹³⁰ Cidade de Messina.

¹³¹ Adivinho, amigo de Nícias, orador fogoso e arrebatado, acusado de ladrão.

¹³² Alusão à mania de julgar dos atenienses.

¹³³ A cidadela: a cidade alta ou Acrópole.

¹³⁴ A coruja estava consagrada a Minerva, patrona de Atenas.

¹³⁵ Paródia do “Peleu” de Sófocles.

Cléon

Ainda não, por favor; espera um instante: eu te darei todos os dias trigo e outros alimentos.

Demos

Não quero nem ouvir falar de grãos: tu e Teófano¹³⁶ já me enganaram muitas vezes.

Chouriceiro

Eu te darei a farinha já preparada.

Cléon

Eu tortinhas muito bem cozidas e peixes assados: não terás nenhum trabalho além de comê-los.

Demos

Então apressai-vos a cumprir o que prometeis. Entregarei as rendas do Pnix ao que me tratar melhor.

Cléon

Eu serei o primeiro.

Chouriceiro

Quê! O primeiro serei eu.

(Saem correndo.)

Coro de Cavaleiros

Oh, Demos! Teu poder é muito grande. Todos os homens te temem como a um tirano; mas és inconstante e te agrada ser adulado e enganado. Enquanto fala um orador ficas com a boca aberta e perdes até o senso comum.

Demos

Não há um átomo de senso comum debaixo de vossos cabelos se credes que me porto sem juízo: me faço de louco por que me convém. Me agrada estar bebendo o dia inteiro, alimentar um senhor ladrão e matá-lo depois quando estiver bem gordo.

Coro de Cavaleiros

Te portas de modo discreto, se fazes as coisas com essa intenção; se os engordas no Pnix como vítimas públicas e logo, quando há falta de provisões, eleges o mais gordo, o matas e o comes.

Demos

Considerai se não vejo claramente as manobras desses que se tomam por espertos e crêem me enganar: eu os observo quando roubam e finjo não ver nada; depois, os obrigo a vomitar tudo o que me roubaram, metendo em sua garganta como anzol uma acusação pública.

¹³⁶ Teófano devia ser algum demagogo que prometia ao povo distribuição de trigo.

(Voltam Cléon e Agorácrito.)

Cléon

Cai fora, e já vai tarde!

Chouriceiro

Vai-te tu, malandro!

Cléon

Oh, Demos! Faz muito tempo que estou aqui disposto a te servir.

Chouriceiro

E eu, faz dez vezes mais tempo, doze vezes mais tempo, mil vezes mais tempo e muito mais tempo, muito mais tempo, muito mais tempo.

Demos

E eu faz trinta mil vezes mais tempo que vos espero, e vos maldigo, e muitíssimo tempo, muitíssimo mais.

Chouriceiro

Sabe o que devias fazer?

Demos

Se eu não souber, tu me dirás.

Chouriceiro

Ordena que disputemos sobre quem te serve melhor.

Demos

Está bem. Afastem-se.

Cléon

Já, pronto.

Demos

Agora corram.

Chouriceiro *(a Cléon.)*

Não me passarás!

Demos

Graças a estes dois adoradores, hoje vou ser o mais feliz dos mortais.

Cléon *(a Demos, voltando.)*

Vês? Eu sou o primeiro que te traz uma cadeira.

Chouriceiro *(idem.)*

Mas não uma mesa; e eu a trouxe muitíssimo antes.

Cléon

Olha: aqui tens esta torta feita com aquela farinha que eu trouxe de Pilos.

Chouriceiro

Toma estes pãezinhos que a própria deusa escavou com sua mão de marfim.¹³⁷

Demos

Que dedos tão largos tens, Minerva veneranda!

Cléon

Toma este caldo de ervilhas cuja bonita cor e gosto saboroso abre o apetite; foi coado pela própria Palas, minha protetora em Pilos.

Chouriceiro

Oh, Demos! não resta dúvida que a deusa te protege: agora ela estende sobre a tua cabeça esta panela cheia de molho.

Demos

Acreditas que eu teria conseguido viver tanto tempo nesta cidade se a deusa não tivesse realmente estendido a panela sobre nós?¹³⁸

Cléon

A deusa te oferece ente prato de peixes, terror dos exércitos.

Chouriceiro

A filha do poderoso Júpiter te envia esta carne cozida no molho e este prato de tripas guisadas.

Demos

É bom que ela se lembre do peplos que a ofereci.

Cléon

A deusa, que é temida pela górgona de seu escudo, te manda comer essa torta prolongada¹³⁹, para que possas alargar mais facilmente os remos.

Chouriceiro

Toma também isto.

Demos

E o que fazer com esses intestinos?

Chouriceiro

A deusa te envia para que faças com eles as amarras¹⁴⁰ dos navios: não perde de vista a nossa frota. Bebe também este copo com duas partes de

¹³⁷ Era costume tirar o miolo do pão e por no seu interior legumes e tempero. A mão de marfim alude à magnífica estátua de Minerva feita por Fídias e colocada na Acrópole.

¹³⁸ A panela é sinônimo aqui da mão protetora.

¹³⁹ Algum trocadilho do original grego não explicado no texto espanhol.

¹⁴⁰ No original “tripas”, daí o trocadilho.

vinho e três de água.¹⁴¹

Demos

Por Júpiter! Que vinho delicioso! Que sabor lhe dão as três partes de água!

Chouriceiro

A própria Tritônia o misturou.

Cléon

Aceita este pedaço de torta com manteiga.

Chouriceiro

Toma esta torta inteira.

Cléon

Mas tu não tens nenhuma lebre para dá-lo, e eu sim.

Chouriceiro

Ai! É verdade... (*à parte*) Onde encontrarei lebre agora? Inteligência minha, inventa algum estratagema?

Cléon

Estás vendo esta lebre, pobre homem?

Chouriceiro

Nada me importo com tua lebre. Calado! Alguns homens se dirigem a mim.

Cléon

Quem são?

Chouriceiro

Embaixadores com as bolsas repletas de dinheiro.

Cléon (*com interesse.*)

Onde? Onde?

Chouriceiro

Que te importa? Nunca irás deixar em paz os estrangeiros?

(*Quando Cléon vira a cabeça, lhe rouba a lebre e a oferece a Demos.*)

Povo meu, vê a lebre que te trago?

Cléon

Ai, desgraçado! Me roubaste à traição!

¹⁴¹ Os gregos não bebiam o vinho puro, mas mesclado com água. Havia até leis que proibiam os cidadãos de bebê-lo puro.

Chouriceiro

Por Netuno, fizeste o mesmo em Pilos.

Demos

Diga-me: de que estratagema te valeste para roubá-la?

Chouriceiro

O estratagema é da deusa, o furto é meu.

Cléon

Me deu muito trabalho caça-la.

Chouriceiro

E a mim assá-la.

Demos

Vai-te; eu só reconheço o que me serviu.

Cléon

Infeliz de mim! Ele me venceu em senvergonhice!

Chouriceiro

Porque não decides, ó Demos, quem dos dois serviu melhor a ti e a teu ventre?

Demos

E de que meios me valerei para mostrar aos espectadores a justiça da minha eleição?

Chouriceiro

Vou te dizer. Anda, revista em silêncio a minha cesta e a do Paflagônio; olha o que contém, e depois poderás julgar com acerto.

Demos

Certo. Vou examinar a tua.

Chouriceiro

Não vês, meu paizinho, que está vazia? É porque te entreguei tudo.

Demos

É uma cesta verdadeiramente popular.

Chouriceiro

Vai agora à do Paflagônio. E aí?

Demos

Nossa! Como está cheia! Que torta tão grande ele guardou para si! A mim me deu só um pedacinho!

Chouriceiro

E sempre fez assim; te dava uma besteirinha do que conseguia e guardava para si a melhor parte.

Demos

Ah, infame! Assim me roubavas? Assim me enganavas? E eu te enchi de coroas e presentes.

Cléon

Eu roubava pelo bem da República.

Demos

Tira logo essa coroa para que eu a ponha em teu rival.

Chouriceiro

Tira logo, velhaco.

Cléon

De maneira nenhuma. Tenho um oráculo de Delfos que explica quem deve ser o meu vencedor.

Chouriceiro

Diz, e claramente, que serei eu.

Cléon

Examinarei antes se as palavras do deus poderiam estar se referindo a ti. Diga-me em primeiro lugar: que escola frequentaste quando pequeno?

Chouriceiro

Me educaram a socos nas cozinhas.

Cléon

Que dizes?! Ah, esse oráculo me mata!... Prossigamos... Que aprendeste com o teu professor de ginástica?

Chouriceiro

A roubar, a negar o roubo e a encarar as testemunhas olho no olho.

Cléon

Oh, Febo! Oh, Apolo, deus da Lícia! Que vais fazer de mim? E de adulto, a que te tens dedicado?

Chouriceiro

À venda de chouriços e à libertinagem.

Cléon

Que desgraça! Estou perdido! Só uma tênue esperança me sustenta. Diga-me mais isto: vendias o chouriço no mercado ou nas portas?

Chouriceiro

Nas portas, onde se vende a pesca salgada.

Cléon

Infortunado! A predição se cumpriu! Adeus, minha coroa... Muito a meu pesar te abandono. Outro te possuirá, não mais ladrão que eu, embora mais afortunado.

Chouriceiro

Esta vitória é tua, Júpiter protetor da Grécia!

Demóstenes

Saudações, ilustre vencedor; lembra-te de que te fiz homem. Bem pouco te [eço em recompensa: nomeia-me escrivão, como Fano é agora.¹⁴²

Demos

Diga-me: como te chamas?

Chouriceiro

Agorácrito, porque me criei no mercado em meio aos pleitos.

Demos

Me ponho nas mãos de Agorácrito¹⁴³ e lhe entrego esse Paflagônio.

(Cléon, que ainda permanece em cena, é levado para dentro.)

Agorácrito

E eu, Demos, cuidarei de ti com tal solicitude, que haverás de confessar que nunca viste um homem mais dedicado à República dos imbecis.

Coro de Cavaleiros

“Existe algo mais bonito que iniciar e concluir nossos cantos celebrando o condutor dos rápidos corcéis¹⁴⁴. Ao invés de ferir com ultrajes gratuitos Lisístrato ou Teomanto¹⁴⁵, privado até de sufocar? Este último, divino Apolo, derramando lágrimas de fome, se abraça suplicante a tua bainha em Delfos para evitar os rigores da miséria.

Ninguém deve criticar que se censure os malvados; todos os homens discretos consideram isso como um tributo à virtude. Ainda que a pessoa que vou delatar fosse bem relacionada, eu não faria menção de outro. Ninguém ignora quem é Arignoto¹⁴⁶, a menos que não saiba distinguir o preto do branco, nem o modo órtio dos demais. Pois este tem um irmão, que não o é certamente nos costumes, o infame Arifrades¹⁴⁷, perverso ao extremo, e não só perverso (se fosse só isso eu nada diria), nem somente perversíssimo, mas inventor de repugantes torpezas (...)¹⁴⁸. Quem não detestar com toda a sua alma

¹⁴² Fano (etmologicamente “delator”) era ou um agente de Cléon ou um nome inventado por Aristófanes.

¹⁴³ Nome composto de “praça pública” ou “mercado” e “juiz”.

¹⁴⁴ Os primeiros três versos deste coro foram tomados de Píndaro. O “condutor dos rápidos corcéis” é Apolo, que conduz o carro do sol.

¹⁴⁵ Teomanto era um adivinho de Delfos muito pobre.

¹⁴⁶ Músico muito estimado pelos atenienses.

¹⁴⁷ Irmão de Arignoto e homem de costumes horivelmente depravados.

¹⁴⁸ Infelizmente, a edição espanhola não publicou o relato das torpezas de Arifrades, alegando o seguinte: “Aristófanes aqui expõe Arifrades à indignação pública, mas tão repugnante é a descrição que faz delas

semelhante homem, não beberá jamais em nossa taça.

Muitas vezes, à noite, penso na causa da voracidade de Cleônimo. Dizem que depois de devorar como uma besta os bens dos ricos, estes não conseguem apartá-lo da cesta de pão, e têm que dizer-lhe: “Vai-te, por piedade; deixa algo na mesa para nós.”

Contam que outro dia se reuniram os navios para tratar de seus assuntos, e que o mais velho de todos disse: “Vocês têm ouvido, meus amigos, o que se passa na cidade? Um tal Hipérbolo¹⁴⁹, cidadão perverso e tão inútil como vinho estragado requereu cem de nós para uma expedição à Calcedônia.”¹⁵⁰ Dizem que isto pareceu insuportável às trirremes, e que uma delas, virgem ainda, exclamou: “Por todos os deuses, antes consentiria Naufante, filha de Nausão, ser roída pelos cupins e apodrecer de velha no porto que ter por chefe semelhante homem. Tão certo como sou feita de tábuas e de breu, se os atenienses aprovam esta proposição não nos resta outro recurso que o de navegar à toda ao templo de Teseu ou ao das Eumênides¹⁵¹ e nos escondermos ali. Deste modo não o veremos insultar a República mandando a frota. Que ele vá pro inferno e que meta na água aquelas caixas em que vendia lâmpadas.”

Agorácrita

Guardai o silêncio sagrado, cerrai os lábios e abstei-vos de citar as testemunhas; fechem-se as portas dos tribunais, delícias da República, e retumbe por todo o teatro um Pean jubiloso¹⁵² para celebrar as novas felicidades.

Coro de Cavaleiros

Tocha para a sagrada Atenas, salvador de nossas ilhas! Que boa nova nos anuncia? Que dita é essa que encherá nossas praças com a fumaça dos sacrifícios?

Agorácrita

Eu regenerarei Demos e o tornei mais belo.

Coro de Cavaleiros

E agora, onde está Demos, ó operador de mudança tão prodigiosa?

Agorácrita

Ele habita na antiga Atenas coroada de violetas.

Coro de Cavaleiros

Quando o veremos? Como está vestido? Como ele é agora?

que não é possível reproduzi-las de nenhum modo, nem mesmo empregando linguagem convencional.”
Fica assim faltando parte do coro.

¹⁴⁹ Demagogo que depois da morte de Cléon alcançou grande poder, até que Nícias e seus partidários conseguiram que fosse condenado ao ostracismo.

¹⁵⁰ Cidade da Trácia, próxima a Bizâncio.

¹⁵¹ O templo de Teseu e o de Eumênides gozavam do direito de asilo.

¹⁵² O “Pean”, hino dedicado primeiramente a Apolo, recebeu esse nome, equivalente a “Cessar”, por ser dirigido ao deus para obter o fim de alguma calamidade, como a guerra ou a peste. Depois chegou a designar, como no presente caso, todo o canto de alegria.

Agorácrito

Ele é o que era antes, quando tinha como comensais Milcíades e Aristides. Ide vê-lo, pois já ressoam as portas dos Propileus¹⁵³. Regozijai-vos; saudai com aclamações ruidosas a admirável e celebrada Atenas. Olhai quão bela se apresenta, recuperado seu antigo esplendor e habitada por um povo ilustre.

(Mudança de cenário. Aparecem os Propileus.)

Coro de Cavaleiros

Ó bela e brilhante cidade decorada de violetas¹⁵⁴, mostra-nos o único senhor deste país e da Hélade.

Agorácrito

Vejam-no com os cabelos adornados com cigarras¹⁵⁵, com seu esplêndido traje primitivo, exalando mirra e paz, em vez de feder a mariscos.¹⁵⁶

Coro de Cavaleiros

Saudações, rei¹⁵⁷ dos gregos; que tu nos dê a felicidade. Sobre ti a fortuna derramou seus dons e os troféus de Maratona!

Demos

Oh, queridíssimo amigo! Aproxima-te, Agorácrito! Que bem me fizeste ao me transformar!

Agorácrito

Eu? Pois ainda não percebes o que eras antes e o que fazias; porque, se percebeste, me tomarias por um deus.

Demos

Que fiz eu antes? Como eu era?

Agorácrito

Antes, se alguém dizia na Assembléia: “Demos, eu sou teu amigo, eu te amo de verdade, sou o único que vela pelos teus interesses!”, no mesmo instante te levantavas do assento e te pavoneavas com arrogância.

Demos

Eu?!

Agorácrito

E depois de te enganar desse modo, ele te voltava as costas.

¹⁵³ Magnífico edifício construído por ordem de Péricles. Era de mármore e de majestoso molde dórico. A construção desse suntuoso edifício chegou a dois mil talentos, soma que excedia o pressuposto da arrecadação anual de Atenas. Se nome significa “Vestíbulos”.

¹⁵⁴ Epíteto tradicional de Atenas.

¹⁵⁵ A cigarra era um símbolo de autoctonia para os habitantes de Atenas. Os antigos habitantes de Ática costumavam prender os cabelos com jóias com o formato de cigarras de ouro.

¹⁵⁶ Os juízes davam seus votos por meio de conchas de ostras. Esta é a origem da palavra “ostracismo”.

¹⁵⁷ “Rei” é figura de linguagem, já que Atenas era uma democracia, e Aristófanes, profundamente democrático.

Demos

Que dizes? Fizeram isso comigo, e eu de nada me inteirei?

Agorácrito

Não estranhes: tuas orelhas se alargavam umas vezes e outras se fechavam tanto quanto uma concha.

Demos

Tão imbecil a velhice me deixou!

Agorácrito

Além do mais, se dois oradores tratavam, um de equipar as naves e o outro de pagar aos juízes seu salário, sempre se retirava vencedor o que falava do soldo, e derrotado o que propunha armar a frota... Mas o quê fazes? Por que baixas a vista? Não consegues ficar quieto?

Demos

Me envergonho de minhas faltas passadas.

Agorácrito

não te aflijas, pois a culpa não é tua, mas dos que te enganaram. Agora responde: Se algum advogado falastrão te diz: “Juízes, não tereis pão a não ser que condenem este acusado”. Que farás tu dele?

Demos

O levantarei alto e o atirarei no Bátrito¹⁵⁸, direto no colo de Hipérbolo.

Agorácrito

Nisto já te mostras acertado e discreto. Mas e os outros assuntos da República, como os arranjarás?

Demos

Assim que cheguem ao porto os remadores das naves de guerra, lhes pagarei seu soldo todo¹⁵⁹.

Agorácrito

Providência que será grata a muitos traseiros angustiados.

Demos

Depois ordenarei que nenhum cidadão inscrito na lista dos hoplitas¹⁶⁰ possa passar por recomendação a outro corpo do exército. Cada um ficará na lista em que estava inscrito em princípio.

Agorácrito

¹⁵⁸ Precipício no qual eram jogados os criminosos.

¹⁵⁹ O soldo dos remadores era de um dracma diário.

¹⁶⁰ A infantaria ateniense se compunha dos *hoplitas* cujas armas eram: capacete, couraça, escudo, grevas, lança e espada; os *psiles*, ou infantaria ligeira, destinados a lançar pedras e flechas, e os *peltastas*, que recebiam esse nome por causa do pequeno escudo chamado *pelta* com que iam armados.

Isso vai de frente contra o escudo de Cleônimo¹⁶¹.

Demos

Nenhum rapazote poderá falar na Assembléia.

Agorácrito

E onde discursarão Clístenes e Estratão?

Demos

Falo desses juvenzinhos que freqüentam as tendas de perfumes, e dizem: “Que douto é esse Féax!¹⁶² Quão excelente foi sua educação! Se apodera do ânimo de seus ouvintes e os convence! É sentencioso, sábio e muito hábil em mover paixões e dominar o tumulto.”

Agorácrito

Vejo que não estás apaixonado por esses charlatães.

Demos

Não, com certeza; obrigarei todos a darem no pinote ao invés de permitir que decretem.

Agorácrito

Já que é assim, tome este banco e este rapaz robusto para que o leve. Se te agrada, podes te sentar sobre ele.

Demos

Que felicidade! Recobrar meu antigo estado!

Agorácrito

Isso poderás dizer quando eu te entregar as Tréguas por trinta anos¹⁶³. Olá Tréguas! Apresentai-vos logo!

(Se apresentam as Tréguas em trajes de cortesãs.)

Demos

Júpiter supremo! Que lindas são! Diga-me, pelos deuses: a gente pode se deitar com elas? Onde as encontraste?

Agorácrito

O Paflagônio as tinha guardadas para que tu não as visse. Eu as dou para ti. Vai ao campo com elas e as goza.

Demos

E que castigo imporás a esse Paflagônio, que me fez tanto mal?

Agorácrito

Um pequeno: não o obrigarei a mais do que exercer meu antigo ofício,

¹⁶¹ Aristófanes ataca a covardia de Cleônimo em muitas de suas comédias.

¹⁶² Orador distinguido acusado de pederastia.

¹⁶³ Depois da morte de Cléon e Brásidas, se pactuou uma trégua de trinta anos, mas foi rompida logo.

vender chouriço pelas portas e picar carne de cachorros e burros. Quando se embriagar há de se atracar com as prostitutas, e não beberá outra água que a das banheiras.

Demos

Excelente idéia! Ninguém mais digno que ele de destroçar-se em injúrias com empregados de banhos e prostitutas. Em recompensa de tantos benefícios, te convido a vir ao Pritaneu e a ocupar nele a cadeira que ocupava esse miserável. Segue-me e toma essa túnica verde-rã. Conduzi o Paflagônio ao lugar onde há de exercer seu ofício, para que o vejam os estrangeiros, esses que tantas vezes ele ultrajou.

FIM